

UM PASSEIO PELO MANUSCRITO “MEMORIAL DE AIRES”, DE MACHADO DE ASSIS

Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima (UFF)
fabianapatueli@gmail.com

RESUMO

O presente artigo se trata de considerações iniciais acerca da composição manuscrita de 1907 do último romance de Machado de Assis. *Memorial de Aires* foi publicado em livro pela Garnier cuja primeira composição tipográfica foi realizada na França e vendida no Brasil após julho de 1908. A partir da leitura do manuscrito conservado pela Academia Brasileira de Letras (ABL) são evidentes os traços de Machado de Assis enquanto tipógrafo, ou melhor, como autor de seu tempo e atento aos meandros tipográficos, visto que as suas fórmulas na composição manuscrita seriam aderidas pelo livro tipográfico. Além disso, a obra “Memorial de Aires” na redação manuscrita nos revela o processo criativo muito caro aos estudos crítico-genéticos.

Palavras-chave:

Crítica genética. Machado de Assis. “Memorial de Aires”.

ABSTRACT

The present article deals with initial considerations about the 1907 manuscript composition of Machado de Assis’ latest novel. *Memorial de Aires*, composed in France, was published in a book by Garnier and distributed in July 1908 in Brazil. From the reading of the manuscript preserved by the Brazilian Academy of Letters (ABL), the features of Machado de Assis as a typographer, or better, as the author of his time and attentive to the typographic intricacies, are evident, since his formulas in the manuscript composition would be adhered to by the typographic book. In addition, the work *Memorial de Aires* in handwritten writing reveals the creative process that is very dear to critical-genetic studies.

Keywords:

Genetic criticism. Machado de Assis. *Memorial de Aires*.

1. Introdução

O romance “Memorial de Aires” foi publicado em 1908 por Hippolyte Garnier, cujo manuscrito foi escrito no ano anterior, conforme cartas de Machado de Assis para os seus amigos. Figuram-se, especialmente, neste contexto, as correspondências trocadas com Mário de Alencar entre as quais podemos conferir alguns apontamentos acerca do referido manuscrito.

Vale lembrar também que desde 1907 frequentemente em correspondências Machado de Assis dizia que talvez não conseguisse terminar seu “último” livro, tal como foi remetido na carta a Joaquim Nabuco de 7 de fevereiro de 1907: “Não sei se terei tempo de dar forma e termo a um livro que medito e esboço; se puder, será certamente o último” (ASSIS, 1944, p.112). Por isso mesmo, procurou manter segredo sobre o novo livro, mostrando sua insatisfação quando desconfiou que a publicação de “Memorial de Aires” tivesse sido revelado sem sua aquiescência, conforme está descrito nos extratos abaixo:

Sobre o meu livro, nada; talvez, na semana próxima venha resposta, e diz o Lansac¹ que provavelmente o livro chegará no meado de março; espero. Aproveito a ocasião para lhe recomendar muito que, a respeito do modelo de Carmo, nada confie a ninguém; fica entre nós dous. Aqui há dias uma senhora e um rapaz disseram-me ter ouvido que eu estava publicando um livro; ele emendou para escrevendo; eu neguei uma e outra coisa. Pouco antes, em um grupo no Garnier, perguntando-me alguém se tinha alguma coisa no prelo, outro alguém respondeu: "Tem, tem..." Podia ser conjetura, mas podia também ser notícia. Talvez não valha a pena tanto silêncio da parte do autor. (ASSIS, 1944, p. 288-2)²

Asseguro-lhe que, se alguém sabe ou desconfia de seu livro, não o soube por comunicação minha; guardei sobre ele e sobre a impressão, completo segredo. Não se esqueça que o Sr. mesmo, em um jantar há cousa de um ano, respondendo a uma pergunta o senador Pinheiro Machado, lhe disse ter um novo livro em via de publicação. A Graça Aranha e a José Veríssimo também o Sr. confiou o segredo; e pelo Graça, veio a saber dele o nosso Magalhães de Azeredo, segundo ouvi a este, quando aqui esteve. Por conseguinte a responsabilidade da divulgação está repartida por não poucos. Da parte que me cabe afirmo-lhe que foi conscienciosamente aceita e guardada, e continua a sê-lo até que venha o livro. Dizendo-lhe que não revelei a existência do *Memorial*, quase que não preciso acrescentar que não disse a minha impressão de leitura. Não a disse a ninguém; nem a ninguém direi aquela presunção que fiz e acertou de ser verdadeira, sobre o modelo de Dona Carmo. A esse respeito a sua confiança não foi mal usada; e eu farei por corresponder a tão alta prova de afeição. (ASSIS, 1944, p. 289-290, grifo do autor)³

[...] meu querido Mário, o que lhe contei na última carta, fi-lo por lhe confiar estes incidentes, e foi bom que o fizesse, visto o que me recordou agora desde a minha resposta ao Pinheiro Machado até as confidências ao Graça e ao J. Veríssimo. Quer saber? Na mesma data da sua carta (20)

1 Julien Emmanuel Bernard Lansac gerenciou os negócios da editora junto a Hippolyte Garnier após o falecimento do outro irmão Baptiste-Louis Garnier em 1893 (SOUZA, 2017).

2 Carta de Machado a Mário de Alencar em 8 de fevereiro de 1908.

3 Carta de Mário de Alencar a Machado em 20 de fevereiro de 1908.

comuniquei ao J. Veríssimo a notícia do livro, como se fosse inteiramente nova; é certo que ele não se deu por achado. Acrescentei-lhe a primeira ideia de confiar aos quatro (o Magalhães de Azeredo não podia entrar por estar em Roma) a publicação do manuscrito, caso eu viesse a falecer. Repita tudo isso consigo, e diga-me se há nada mais indiscreto que um autor, ainda quase septuagenário, como eu. Diga-me também, pois que leu as provas, se o livro vale tantas cautelas e resguardos. (ASSIS, 1944, p. 291-292) (grifo do autor)⁴

Seguramente Mário de Alencar, seu principal confidente à época, foi quem primeiro leu o manuscrito do romance e fez a correlação da personagem D. Carmo a Carolina, conforme a carta de 16 de dezembro de 1907:

Em primeiro lugar a emoção de prazer e de orgulho de ter em mãos, sob os meus olhos, com o seu consentimento, mas do que isso, por espontâneo oferecimento seu, o exemplar em provas de um romance não conhecido nem lido de ninguém [...] eu sabia é que antes de todos, mais do que todos, eu experimentava o gozo de ler um livro seu, inédito e novo [...] e querendo qualificar o *Memorial de Aires*, os adjetivos que achei ajustados foram estes: delicioso, fino, superior, perfeito [...] que é efeito da colaboração de um sentimento novo, o mesmo que fez o soneto *A Carolina* e que nestas páginas traçou aquela figura verdadeira e sagrada de Dona Carmo. O mundo poderá admirá-la e há de admirá-la como criação de arte; eu, que adivinhei o modelo, li-o comovido, cheio do respeito pela doce evocação [...] – Os outros tipos todos são admiráveis desde a Mama Rita, Faria, o criado José Cesária, Aguiar, até Fidélia, até Dona Carmo, que não tem igual nem comparável em outro livro. (ASSIS, 1944, p. 271-5) (grifos do autor)

As críticas nos jornais sobre o romance, que foram publicadas nos periódicos em 1908, também assinalam a correlação imediata de uma das personagens com falecida esposa de Machado de Assis, sobretudo após o falecimento do autor:

[...] o seu último livro publicado, esse “*Memorial de Aires*”, é uma prova de amor, do afeto imenso que dedicava à companheira desvelada dos seus dias felizes. Considerava que a função de amar era a função superior da sua espécie; ele supunha que amar e ser amado era a função mais nobre do nosso espírito. (O PAÍS, 1 out. 1908, p. 3)⁵

A agonia moral foi longa, muito mais longa e dolorosa do que a física. Mas ainda as letras brasileiras tiveram um grande lucro com essa tortura, que produziu o último livro do Mestre: o severo e suave *Memorial de Ai-*

4 Carta de Machado a Mário de Alencar em 23 de fevereiro de 1908.

5 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/17516>. Acesso em: 20 set. 2018.

res, um poema de pureza e saudade, que é a glorificação dos “bem-casados”, o canto luminoso erguido em louvor das almas que nascem aos pares. (O PHAROL, 1 out. 1908, p.1) (grifo do autor).⁶

Esse *Memorial de Aires*, livro ainda publicado este mês e que lhe prolongou a vida, como si vivesse para acabá-lo, é um discreto livro de amor, é o monumento à memória da que lhe foi a companheira querida da vida e que lhe vai ainda ser companheira na morte.

Não sabia ele de melhor tarefa na vida, que essa de amar:

“E amar e ser amado é, neste mundo,
A tarefa melhor da nossa espécie,
Tão cheia de outras, que não valem nada!...” (A IMPRENSA, 1 out. 1908, p. 1) (grifo do autor)⁷

Contudo, “*Memorial de Aires*” não é propriamente um livro de memórias do autor Machado de Assis, como havia aventado José Veríssimo na seguinte carta em 11 de janeiro de 1907:

Como vai Você? Sabe? Sonhei que V. fazia um livro e que eu dizia dele no *Jornal*. Quem me dera ver o meu sonho realizado. E as *Memórias*? Esse é o livro que eu lhe quisera ver fazer e que (ou então eu sou um tapado em psicologia literária) auguro V. faria excelentemente de um modo original e raro. (ASSIS, 1944, p. 225-226) (grifos do autor)

Muito embora, por meio das primeiras impressões de seus convivas podemos encontrar correlação entre personagens tal como já apontamos:

O velho Aires (é ele mesmo que se quer considerar assim) decididamente é um bom e generoso coração: apenas com o defeito de o querer esconder. Você já nos tinha acostumado às suas deliciosas figuras de mulher, mas creia-me, excedeu-se em D. Carmo. Ah! Como é verdade que a grande arte não dispensa a colaboração do coração... (ASSIS, 1944, p. 232-233) (grifos do autor)⁸

2. *Detalhes materiais do manuscrito de “Memorial de Aires”*

A Comissão Machado de Assis, que publicou a edição crítica de “*Memorial de Aires*” (ASSIS, 1975; 1977) apurou algumas características materiais que servirão de base para o presente trabalho crítico-genético até a possibilidade de seu manuseio. Assim, o manuscrito data-

6 Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/24366>>. Acesso em: 20 set. 2018.

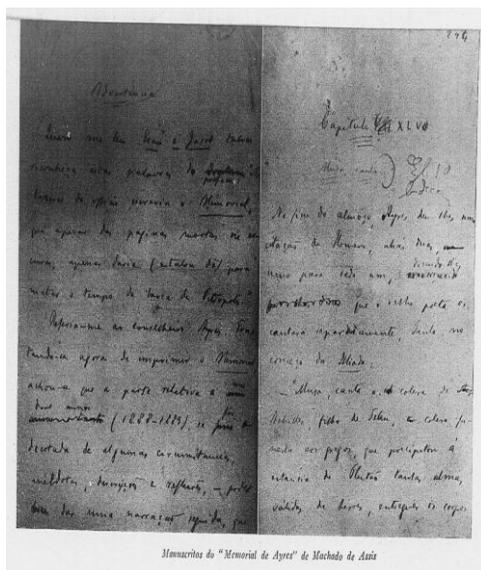
7 Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/245038/4939>>. Acesso em: 20 set. 2018.

8 Carta de José Veríssimo a Machado de Assis de 18 de julho de 1908.

do por 1907, que está sob a guarda da Academia Brasileira de Letras (ABL), foi encadernado em dois volumes (5 páginas não numeradas e p. 2 a p. 200, p. 201 a p. 468) e a escrita se deu em linhas alternadas e em um só lado do papel almaço que mede 0,323 x 0,218. A edição crítica de 1977 (ASSIS, p. 28) cita também que o manuscrito possui numerosas emendas e rasuras que não constam no aparato crítico, pois seria elaborada posteriormente uma edição fac-símile do manuscrito sobre a qual não tivemos notícias. Assim, fizeram parte da edição crítica apenas as variantes encontradas no manuscrito em relação a primeira edição pública do texto.

Entretanto, o manuscrito de *Memorial de Aires* já teve a primeira parte da “Advertência” publicizada pela revista *Ilustração Brasileira* em dezembro de 1946 ao lado do capítulo XLV do manuscrito de “Esaú e Jacob” (p. 49):⁹

Figura 1: Fac-símile de “Memorial de Aires” e “Esaú e Jacob”.



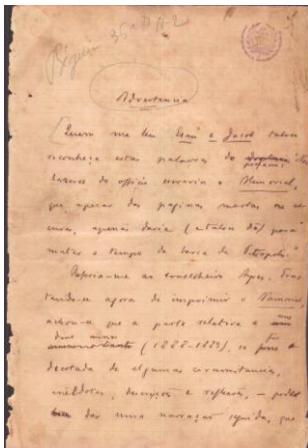
9 Observa-se que na revista há uma descrição equivocada das imagens. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/107468/21766>>. Acesso em: 31 out. 2020.

A análise acerca do manuscrito digitalizado e disponibilizado pelo acervo arquivístico da ABL nos permite apontar que não só podemos encontrar emendas e rasuras do autor, bem como é explícita a organização do manuscrito voltada para a edição em livro. Isto porque há um esforço em garantir a legibilidade tanto no emprego de letra cursiva com espaço entre os vocábulos e entre as linhas, permitindo melhor acomodação das correções e emendas, bem como a própria organização das partes pré-textuais em relação às textuais ainda no formato manuscrito.

Além disso, há a introdução de assinalações que indicam os espaços entre partes textuais do romance que sustenta a forma de um diário, e marcações em vocábulos que receberiam tratamento especial no livro impresso que foi publicado em 1908 pela Garnier.

Os sublinhados simples, por exemplo, foram convertidos para o itálico na impressão do livro tipográfico, enquanto que o sublinhado duplo foi convertido em versalete, o que pode ser verificado desde as primeiras páginas do romance. Na figura a seguir podemos notar também o carimbo da ABL¹⁰ e na parte superior da folha de papel almoço algumas anotações a lápis:

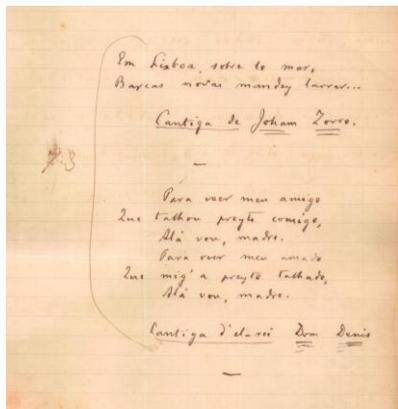
Figura 2: 1ª pág. da “Advertência” do manuscrito “Memorial de Aires”.



10 Entre as páginas 34 e 70 do manuscrito no papel almoço vem timbrado a seguinte marca d'água: “Academia Brasileira” na parte exterior e a coroa de louros no interior, sem a inscrição “Ad Immortalitatem” presente no carimbo. Observa-se que acesso ao manuscrito até o momento se deu das primeiras páginas não numeradas à página 70 e às páginas finais 466-8.

São também recorrentes no manuscrito anotações a lápis que possivelmente foram realizadas pelo responsável da edição na oficina tipográfica francesa, tal como está configurado no exemplo abaixo:

Figura 3: Folha s/nº das cantigas no manuscrito Memorial de Aires.



Observa-se na figura anterior que o sublinhado simples foi convertido em itálico, o sublinhado duplo em versalete e o pequeno traço separador ao final indicou encerramento da página tendo em vista o livro editado em 1908.

Fizeram parte da edição crítica do romance as variantes do manuscrito em relação a primeira redação pública de “Memorial de Aires”. Contudo, o processo de escritura da obra que envolveu, por exemplo, a frequente modificação de nomes das personagens não foi contemplada. Assim, analisando as correções autorais no manuscrito, Machado Assis ainda parecia se decidir entre os nomes de “D. Carmo”, “Carmelita” e “Fidélia”, que se alteram entre si em diversas passagens como por exemplo:¹¹

¹¹Até o momento foram encontrados tais alterações nas seguintes folhas do manuscrito: p. 30-3, p. 40, p. 45, p. 50-51, p. 55-57, p. 64-5, p. 67-8, p. 70.

3. A edição em livro de 1908

A primeira edição pública de *Memorial de Aires* se deu em julho de 1908, conforme as correspondências entre Machado de Assis, Mário de Alencar e José Veríssimo:

Estive no Garnier, e pedi notícias do *Memorial*. Tinha esperança de encontrá-lo e projetava ir com um exemplar levar-lhe a boa nova. Jacinto me disse que a demora é só da Alfândega. (ASSIS, 1944, p. 307) (grifo do autor)¹²

Obrigado pelas notícias. A demora da Alfândega é a mesma causa que o Lansac me dá há muitos dias; melhor é não insistir no caso. (ASSIS, 1944, p. 308)¹³

Ontem, segundo promessa feita pelo Secretário da redação, devia sair no *Jornal do Commercio* o meu artiguinho a respeito do *Memorial de Aires*. Creio que não foi possível pelo excesso de matéria, e ainda hoje assim aconteceu. Sairá amanhã talvez. Depois de ter levado ao *Jornal* o artigo, reli ainda o *Memorial* e vi que não dissera tudo. (ASSIS, 1944, p. 308, grifos do autor)¹⁴

Que fino e belo livro V. escreveu! Consinta-me a vaidade de crer que o entendi e compreendi. [...] Desejo-lhe melhoras, ou melhor, restabelecimento e vida e saúde, para nos dar o resto do *Memorial* desse velho encantador que é o meu amado Aires. – Seu J. Veríssimo. (ASSIS, 1944, p. 232-233, grifos do autor)¹⁵

Meu caro Veríssimo. – Acabo de receber a sua carta com o seu abraço pelo livro, e venho agradecer-lha cordialmente. Sabendo que foi sempre sincero comigo, senti-me pago do esforço empregado; muito obrigado, meu amigo. O livro é derradeiro; já não estou em idade de folias literárias nem outras. O meu receio é que fizesse a alguém perguntar por que não parara no anterior, mas se tal não é a impressão que ele deixa, melhor (ASSIS, 1944, p. 233)¹⁶

Consta também outra edição indicada como sendo de 1908, publicada após o falecimento do autor como diz José Galante de Sousa em *Bibliografia de Machado de Assis*:

[...] no caso do *Memorial de Aires*, por exemplo, de que só houve uma edição autorizada, a que apareceu em julho de 1908. A ‘nova edição’,

12 Carta de Mário de Alencar a Machado em 16 de julho de 1908.

13 Carta de Machado a Mário de Alencar em 16 de julho de 1908.

14 Carta de Mário de Alencar a Machado em 21 de julho de 1908.

15 Carta de José Veríssimo a Machado em 18 de julho de 1908.

16 Carta de Machado a José Veríssimo em 19 de julho de 1908.

também de 1908 (reimpressão certamente), é posterior à morte do autor” (1955, p. 41, grifo do autor).

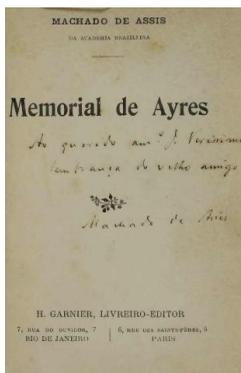
A edição que Sousa utiliza para a conclusão acima é a do colofão: “Paris. Tip. H. Garnier, 6, rue des Saints-Pères. 363.12.1908.” (1955, p. 41).

Aditivamente, a Comissão Machado de Assis apura que além das mencionadas anteriormente há ainda a publicação com as seguintes indicações “Paris. Tip. H. Garnier, 6, rue des Saints-Pères. 330.6.1909.”¹⁷, o que pode se tratar de uma divergência nas datações:

Já que medeiam seis meses entre uma e outra – o que é um lapso de tempo assaz longo para supor-se que, impresso em dezembro de 1908, só em junho de 1909 teria ficado pronto para ser posto a venda, é possível que o exemplar utilizado [...] seja de uma nova tiragem, ou restante da tiragem de 1908, guardada e aproveitada em junho de 1909. (1977, p. 29)

Desta maneira, na edição crítica elaborada pela Comissão Machado de Assis (1975; 1977) foi empregada a primeira edição pública de 1908 para o estabelecimento do texto crítico, cuja folha de rosto exemplificamos com a imagem abaixo:¹⁸

Figura 6: Folha de rosto da 1ª ed. de *Memorial de Aires* (1908)



17 Informação extraído do catálogo da Biblioteca Nacional pela Comissão Machado de Assis (1977, p. 28).

18 A primeira edição de *Memorial de Aires* está disponível na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018570#page/1/mode/2up>>. Acesso em: dez. 2018.

4. Considerações finais

Este trabalho de pesquisa, ainda na sua fase inicial, pretende aprofundar a análise já iniciada pela Comissão Machado de Assis na edição crítica de “Memorial de Aires” (1975; 1977). A Comissão na época empenhou seus esforços quanto aos apontamentos gerais acerca das características materiais do manuscrito e na indicação das variantes textuais quanto à edição de julho de 1908.

O excelente trabalho da Comissão, quanto à elaboração da edição crítica machadiana, agora pode ser revisitado com o intuito de trazer mais informações acerca do processo criativo do autor a partir de estudos que valorizem mais os aspectos atinentes ao manuscrito enquanto escrita em trânsito.

Assim, é por meio de um passeio pelo manuscrito que nos permitimos satisfazer tanto as curiosidades como leitores machadianos, bem como discriminar o percurso escolhido pelo autor para a composição de “Memorial de Aires” enquanto pesquisadores de crítica genética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A IMPRENSA, Rio de Janeiro: 1908. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/245038/4939>>. Acesso em: 20 set. 2018.

ASSIS, Machado. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: ABL, 1907. (Manuscrito digitalizado). Disponível em: <<http://servbib.academia.org.br/arquivo/index.html>>. Acesso em: ago. 2018.

_____. _____. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908.

_____. _____. 2. ed. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1977. (Edições críticas de obras de Machado de Assis, v. 10)

_____. *Correspondências*. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1944.

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, dez. 1946, n. 140. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/107468/21766>> Acesso em: 31/10/2020.

O PAÍS, Rio de Janeiro: 1908. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/17516>. Acesso em: 20 set. 2018.

O PHAROL, Juiz de Fora (MG): 1908. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/24366>>. Acesso em: 20 set. 2018

SOUSA, José Galante. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1955.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *Carpinteiros teatrais, cenas cômicas e diversidade cultural no Rio de Janeiro Oitocentista: ensaios de história social da cultura*. Londrina: Eduel, 2017.